



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O CIRCUITO SACOLEIRO E AS SUAS CONFIGURAÇÕES: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS NAS TRÊS FRONTEIRAS.

Eric Gustavo Cardin¹

As práticas dos trabalhadores pertencentes ao *circuito sacoleiro* não são estáveis ou perenes. Elas são constantemente modificadas na busca de uma maior eficiência no transporte e na distribuição das mercadorias vendidas no centro comercial de Ciudad Del Este para todo o território brasileiro. No entanto, existem outras razões que forçam o *circuito* a desenvolver novas formas de atuação e organização. As transformações econômicas e políticas, principalmente aquelas direcionadas para as questões tributárias e aduaneiras, atingem diretamente o cotidiano de trabalho de *sacoleiros* e *laranjas*, fazendo com que estes reelaborem suas redes de relações, extinguindo antigas ocupações e criando outras. De forma geral, a cotidianidade existente na região da fronteira não é um reflexo exato das ações particulares dos sujeitos sociais, como também não é o resultado de um movimento determinista de uma estrutura invisível aos homens.

A vida destes trabalhadores e as relações estabelecidas durante suas trajetórias não se configuram e não são visualizadas de uma forma homogênea e linear. O cotidiano é o resultado dos conflitos e resistências dos trabalhadores que buscam a sobrevivência e os espaços de liberdade no interior de uma realidade marcada pela coerção e padronização de usos e costumes. As transformações na organização do *circuito sacoleiro* representam leituras, interpretações e respostas aos esforços dos órgãos governamentais em combater ou pelo menos fragilizar suas práticas. Contudo, não são as únicas consequências dos conflitos imediatos estabelecidos com os interesses do governo. Através das *conversas* realizadas constatam-se a fragmentação, os embates e os posicionamentos dos trabalhadores em relação à fiscalização na fronteira e ao tipo de serviço que realizam. Ampliando o estudo para outras fontes e aprofundando a análise através das informações disponibilizadas nos periódicos locais, observam-se e entendem-se muitos dos pontos expressos nas situações de conflito direto com os agentes federais ocorridos ao longo da última década.

No intuito de cobrir todas as particularidades contidas nas relações sociais estabelecidas na região da fronteira internacional com o Paraguai, mais especificamente nos embates entre os

¹ Doutor em Sociologia. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

diversos sujeitos responsáveis pela construção da realidade investigada, constata-se a existência de três eixos de discussão que possibilitam abordar de uma forma ampla as práticas e os posicionamentos de classe desenvolvidos pelos trabalhadores durante o exercício de suas atividades. No primeiro encontram-se os conflitos e disputas ocorridas no interior do próprio *circuito*, onde se destacam as expectativas e os esforços dos trabalhadores em relação às possibilidades de ascensão na hierarquia existente e o impacto destas relações em suas vidas pessoais. No segundo estão as opiniões dos trabalhadores referentes ao comércio internacional e as suas próprias práticas de trabalho, englobando as suas análises referentes aos motivos que levam a existência do *circuito sacoleiro*. No último eixo, através do estudo de jornais locais e regionais, estão as análises referentes às mobilizações e os protestos realizados pelos trabalhadores contra a fiscalização da Receita Federal.

1 – A busca pelo poder no interior do circuito.

O *circuito sacoleiro* possui algumas características marcantes como, por exemplo, a informalidade, a clandestinidade e a hierarquia interna que sustenta o seu funcionamento. Por sua vez, tais aspectos promovem reações peculiares entre os sujeitos nele inseridos, atingindo as relações sociais de uma maneira ampla. As amizades e os demais relacionamentos que ocorrem dentro da esfera do trabalho são marcados por desconfiança e precaução. Muito disto se deve à instabilidade e insegurança das ocupações, como também à vontade sempre presente de “melhorar de vida”. A interlocutora Sandra, que atua como *batedora*, afirma que o seu “núcleo de amizade é baseado nos familiares, embora todos trabalhem com muamba”. De maneira geral, diz ter poucos amigos, mas todos envolvidos com o *circuito*, fato que exige uma atenção especial, pois nem todos os trabalhadores transportam apenas mercadorias. Neste sentido, ela afirma que

este tipo de relação traz uma desconfiança maior nas relações, muitas vezes você não sabe direito o que está sendo passado, são caixas fechadas. Mas dá para perceber as coisas, quem trabalha com coisa errada de um dia para outro aparece com carrão, num tem casa própria, mas anda com carro do ano. Passando apenas mercadoria você não consegue isso rápido assim.

A posição de David a respeito de suas relações com os outros trabalhadores do Paraguai possui perspectiva semelhante. Afirma categoricamente que as relações que mantém com os outros trabalhadores do Paraguai é exclusivamente de interesse, o que ocorre é uma troca de favores,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“quando um precisa de ajuda para transportar ajudamos, quando precisamos de mais pessoas para transportar chamamos quem está precisando na época, mas nós não somos amigos de frequentar a casa um do outro”. Em outros termos, o interlocutor reafirma o posicionamento expresso por Sandra.

No Paraguai, amigo de verdade não tem. Porque quando você lida com coisa ilícita, parece que incorpora em você até outro lado. Para você ter amigo de verdade, você precisa ter compaixão, é um sentimento que na *muamba* não tem, como no tráfico também não. Por você estar na ilegalidade isso entra em você, têm muita falsidade, coisas assustadoras. Não existe uma amizade verdadeira, há apenas a amizade de interesse.

O sigilo nas relações estabelecidas com os *sacoleiros* desenvolve uma situação de incerteza. Ao mesmo tempo em que o *agenciador* precisa “confiar no cliente” para que o “contrato” seja efetivado, a dúvida está sempre presente, impedindo um aprofundamento nas relações ou nos vínculos estabelecidos. Sobre isso, Fabiano se queixa do fato de ter que trabalhar no escuro, sem a certeza daquilo que transporta, “o *sacoleiro* fala o que é e não abrimos o volume. Então pode ser arma, droga, enfim, qualquer coisa, depois a pressão cai pro nosso lado quando a polícia vem bater”. No meio da insegurança “não existe muito tempo para fazer amizade, é muita correria, você passa quase todo tempo trabalhando”, no Paraguai “as pessoas passam muito rápido por você, não há como ter uma relação longa, assim não dá para ter amizade”.

Muito desta desconfiança e desta dificuldade em desenvolver e manter relações mais estáveis é derivada da concorrência entre os trabalhadores existente no interior do próprio *circuito*. Neste sentido, um dos elementos presentes nas *conversas* realizadas diz respeito à difícil tarefa dos *laranjas* em conseguir um *patrão*. Este corresponde ao topo da hierarquia no transporte de mercadorias, é ele quem possui o dinheiro a ser usado nas compras e é ele quem “contrata” os *sacoleiros* para transportar os produtos adquiridos. O *patrão* pode ser tanto o próprio dono de uma loja que revende os produtos em qualquer lugar no Brasil quanto um grande atravessador que abastece de mercadorias um conjunto de recintos comerciais previamente determinados. No entanto, são poucos os *patrões* que fazem as compras pessoalmente; o habitual é ele contratar um grupo de *sacoleiros* para adquirir os produtos e transportá-los pelo país, sendo que o número de contratados depende do valor dos negócios realizados pelo investidor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Aqueles trabalhadores que têm seus *patrões* definidos e são fiéis a eles conseguem realizar mais viagens devido aos pedidos constantes realizados pelos “superiores”, isso vale tanto para os *sacoleiros* quanto para os próprios *laranjas*. Além disso, a rentabilidade dos contratados depende também do tipo de mercadoria transportada. Os *laranjas* que não possuem vínculo com um *patrão* transportam de modo indiferente qualquer mercadoria, já aqueles que têm relações hierárquicas definidas sabem claramente quais são os tipos de mercadorias que estão carregando consigo, privilegiando desta forma os periféricos de informática. Estes são os únicos produtos que têm uma cota em dinheiro fixa para o transporte, por isso os *laranjas* que trabalham apenas nesse ramo são conhecidos como cotistas. Na conversa estabelecida com David constata-se um pouco da natureza desta concorrência e das disputas estabelecidas entre os trabalhadores.

eu vivi situações onde, por inveja de algumas pessoas em relação ao meu *patrão*, eu fui ameaçado. Várias pessoas ligavam para ele para tentar puxar o meu tapete, mas por eu ter uma relação de confiança com ele, meu *patrão* não ligava. Eu não posso reclamar dele, ele garantia exclusividade e pagava bem. Mas neste negócio tem pessoas perigosas. Como também já fui ameaçado simplesmente por conversar com o *patrão* de outro *sacoleiro*. Nem sempre existe confiança, eu tenho vários amigos que foram assaltados e depois não foram mais chamados para trabalhar. Tenho um amigo, por exemplo, que um dia desceu do ônibus com sete mil dólares, quando ele foi caminhar um motoqueiro passou e levou o dinheiro dele. Na hora ligou para o *patrão* dele, mas na outra semana ele não tinha mais serviço. No Paraguai é assim, para você estar empregado precisa de um minuto, mas para você estar sem serviço é mais rápido.

Não é somente nas disputas pelos melhores *patrões* que se encontra a concorrência e, muitas vezes, as relações desleais. Existem pessoas que se fingem de *laranja* para roubar mercadorias e enganar *sacoleiros*, criando mais insegurança e incerteza nas relações estabelecidas na fronteira. Durante muitos anos a credibilidade dos produtos disponibilizados no Paraguai foi questionada. Produtos piratas, sem garantia, com rótulos trocados ou com caixas trocadas eram histórias comuns entre os aventureiros que desbravavam Ciudad Del Este ao longo das décadas de 1980 e 1990. Porém, a própria concorrência entre os inúmeros estabelecidos existentes no centro comercial da cidade exigiu a diminuição de tais práticas. Por outro lado, surgiram outras, como aquelas exercidas por supostos *laranjas* com o objetivo de desviar as mercadorias adquiridas pelos *compristas*. David, por exemplo, relata que “outro dia chegou um cara de Goiânia que queria comprar doze caixas de cigarro. Ele conversou com uns caras e marcaram uma hora para passar as caixas para ele na ponte. O coitado de Goiânia ficou esperando a noite inteira pela mercadoria que nunca apareceu”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Concorrência, disputas internas e traição marcam as relações informais entre os trabalhadores do *circuito*. Todavia, este também é regido pelas leis do mercado, oscilando os preços pagos pelos serviços realizados pelos trabalhadores conforme a demanda de trabalho e a rigidez nos processos de fiscalização estabelecidos pela Receita Federal. Embora existam tentativas de derrubar o outro para conseguir o melhor *patrão* ou a melhor entrega, raro são os casos onde os trabalhadores apresentam intenção em mudar de ocupação no interior do próprio *circuito*, o que permite supor que as possibilidades de ascensão no interior da hierarquia são escassas para não dizer nulas. Quando questionado sobre o assunto, Fabiano fala de forma irônica que “mudaria de função dentro dos negócios do Paraguai apenas se fosse para ganhar mais, acho que viraria dono de porto, pois eles ganham bem (risadas)!”.

Tornar-se dono de porto não é um dos sonhos mais fáceis de ser realizado. Embora exista disputa entre eles, principalmente, pelos melhores clientes, aparentemente os territórios ao longo da barranca do Rio Paraná são bem definidos e não envolvem grandes conflitos. Como salienta Fabiano, “existe um respeito entre os donos dos portos, não é igual no Rio de Janeiro, onde as pessoas se matam. Aqui ninguém se mete no negócio dos outros”. Como já afirmado, ninguém sabe ao certo o número de portos existentes, muito menos o número de proprietários. Como existe certa fidelidade entre *porto-patrão-sacoleiro*, frequentemente o conhecimento transmitido pelos interlocutores é referente apenas à estrutura que utiliza. No entanto, Sandra, devido ao tempo que atua no *circuito*, esboça uma visão panorâmica sobre o assunto.

As pessoas que possuem portos clandestinos são aquelas que quando aumentou a fiscalização na aduana foram para a beira do rio. Não houve um processo exatamente, geralmente os que se dizem "donos" moravam na beira do rio e tomaram conta daquele espaço, é claro que não é qualquer um que podia, sempre há a lei do mais "forte", o "chefe".

Segundo Sandra, não existe uma regra para a constituição dos portos. Neste sentido, afirma que em outra região da cidade “os donos dos portos são aquelas pessoas que compram uma chácara com acesso ao lago, possibilitando a abertura dos portos clandestinos”. Nestes casos, os proprietários “fazem amizades com os paraguaios e combinam os valores que cada um irá ganhar por caixa passada ali, que geralmente não é mais que três reais pra cada um”. Segundo Sandra, o seu *patrão* utiliza quatro portos diferentes que são administrados por três pessoas distintas, sendo dois pertencentes à mesma família, porém ela faz questão de destacar que eles “não são exatamente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

donos, eles usam os portos porque estão ali há mais tempo e são respeitados pelos demais”. No intuito de esclarecer as relações do *circuito* e apontar os locais de possíveis conflitos no interior da hierarquia, Sandra faz uma síntese das relações, descrevendo as ocupações e os valores movimentados durante essas práticas estabelecidas.

Em relação aos diferentes cargos, o *patrão* é aquele que manda, mas este não tem acesso aos *barqueiros* e nem aos "donos" dos portos. Todos fazem o melhor pra ele chegar à cidade de destino com suas mercadorias por que é ele que define se haverá trabalho ou não. Se ele perder as mercadorias ou não mais voltar não haverá mais trabalho, logo ele precisa ser bem atendido. Tem o *encarregado* de pegar as mercadorias do *patrão* e passar ao cara que leva até ao porto entregar ao "dono" do porto (lado paraguaio) e passa aos barqueiros (que geralmente são crianças). Estes levam até o outro lado do rio, entregam ao "dono" do porto do lado brasileiro que entrega ao mesmo cara que levou ao porto do lado paraguaio, que entrega ao *encarregado* que leva ao *patrão*.

Até este ponto, na descrição realizada, não são apresentados os focos de maior tensão. Sandra busca apresentar o *circuito* dentro de uma perspectiva equilibrada, demonstrando uma suposta harmonia entre as partes que compõem a organização do trabalho clandestino na fronteira do Brasil com o Paraguai. Neste sentido, na continuidade de sua narração, aponta alguns aspectos que seriam importantes para a reflexão das possibilidades de ascensão na hierarquia na fronteira.

Não há disputa de cargos para definir quem é dono do porto e este não se esforça muito para conseguir clientes. "Os patões" ficam próximo ao rio esperando e ganha o dele que é muito! Pois passam mais de 500 caixas ou mais por noite, cobram 10 reais por caixa e pagam 3 para o barqueiro do lado brasileiro e pagam mais 4 reais por caixa para o porto daqui, no total pagam de 15 a 20 reais a caixa de um porto a outro, mas é preciso considerar o passador e o carro alienado que leva até o "hotel". Uma caixa sai por mais ou menos 90 reais para o *patrão*. Os únicos que entram em conflitos são as pessoas que pegam os *patrões* e não querem muitas vezes subir na hierarquia por que o mais "difícil" é vender ou arrumar clientes para repassar as mercadorias. Muitos têm lojas, mas precisam muitas vezes de notas fiscais e começa a complicar, então preferem ficar cada um no seu posto e ganhar o seu.

Encarregados ou *agenciadores*, *laranjas* ou *passadores*, *sacoleiros*, *donos/proprietários de portos*, *barqueiros*, carros alienados, hotéis e clientes representam as peças presentes no imenso tabuleiro que é a fronteira do Brasil com Paraguai. Inúmeras estratégias são desenvolvidas para que os negócios ocorram como o planejado e, de forma semelhante, inúmeras relações marcadas por tênues fios de confiança dão vida à realidade estudada. Disputas e conflitos aparecem nas conversas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de maneira singela e, muitas vezes, desconfiada, abrindo espaço para a suposição de que as lacunas existentes nas *conversas* referentes às brigas por espaço no *circuito* reafirmem a sua existência, simplesmente pelo temor de falar sobre elas. A contradição de viver uma situação de conflito sem identificá-lo também é visualizada na relação que os trabalhadores estabelecem com os agentes federais responsáveis pela fiscalização.

2 – O circuito e a fiscalização na visão dos trabalhadores.

A realidade social na qual estão inseridos os trabalhadores é instável. As disputas por clientes, a busca dos melhores preços e dos melhores *agenciadores*, o conflito silencioso pela barranca do Rio Paraná aquecem as relações existentes na fronteira. No entanto, quando tudo parece estar pronto para explodir e antes dos conflitos no interior do *circuito* vir a público, a calma nas palavras, nos discursos e nas práticas volta a camuflar a instabilidade sempre presente. O receio de ampliar o universo social para além dos poucos amigos de confiança existente entre os trabalhadores do *circuito* e a discrição nas exposições referentes às relações de sociabilidade existentes escondem os atritos e os espinhos. Desconversar e se silenciar corresponde às formas mais fáceis de responder as perguntas que visam penetrar em regiões movediças e que podem ter como resultado situações que fogem do controle de qualquer um dos sujeitos envolvidos no processo de investigação.

A contradição de viver e não falar, de sentir e se silenciar, não deriva das mesmas razões que fazem com que os trabalhadores expressem um sentimento simultâneo de respeito e ódio pelos agentes responsáveis pela fiscalização na fronteira do Brasil com o Paraguai. Na primeira situação abster-se de se posicionar diante das inquietações expostas é um mecanismo de defesa, muitas vezes de proteção à própria vida. Na segunda é a expressão da compreensão dos *sacoleiros* e *laranjas* referente ao problema no qual estão inseridos e também dos limites implícitos de suas ações. Muitas vezes a raiva de ter as mercadorias apreendidas, as bolsas abertas e as vidas bisbilhotadas, se alenta no reconhecimento das posições antagônicas dos sujeitos sociais que vivenciam a cotidianidade da fronteira.

O aprofundamento do processo de criminalização do *circuito sacoleiro* durante os primeiros anos do século XXI definiu com mais clareza as posições existentes. A suposta ilegalidade da atividade, vinculada e divulgada como contrabando, misturada com preconceitos derivados das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

proximidades com as rotas de tráfico e exorcizada como fonte de sustentação de terrorismo internacional estigmatizou trabalhadores e forneceu argumentos para perseguição. Práticas antes aceitas pela maioria da população da fronteira começam a ser questionadas. O sentimento de viver através de uma atividade constantemente atacada pelas personificações do modelo social hegemônico alimenta angústias, como expressa David ao reclamar da maneira como sua atividade é observada na região. “Existe um preconceito muito grande em relação a nós, mas as pessoas não percebem que se não fosse o Paraguai não existiria movimentação de dinheiro na cidade e esse monte de loja que tem em Foz não teria como se manter”.

As opiniões dos interlocutores sobre a existência do *circuito sacoleiro*, a fiscalização estabelecida na fronteira e as possíveis maneiras de solucionar os problemas que isso tudo envolve explicitam os contornos dos conflitos ocorridos na região. Mário acredita que “a solução para o problema encontra-se na geração de um maior número de empregos para a população” e na criação de uma rede de assistência básica para o desempregado. De maneira geral, alguns trabalhadores pensam que a origem do *circuito* encontra-se na atual configuração do mercado de trabalho brasileiro. Contudo, isso não significa que todas as variáveis existentes no processo sejam visualizadas e que esta posição seja hegemônica. Roberto, por exemplo, é um pouco mais pessimista quando retrata o assunto e duvida do desenvolvimento de um número de empregos que venha a atender toda a população de *sacoleiros* e de *laranjas*. Não suficiente, ele também não acredita que o combate às práticas desses trabalhadores irá acabar com o descaminho, pois, em sua opinião, sempre surgirão novos meios para negociar as mercadorias.

As mudanças nos processos de fiscalização são acompanhadas de transformações e novas adaptações na logística empregada pelos trabalhadores na compra, no transporte e na revenda das mercadorias disponibilizadas em Ciudad Del Este. Assim, embora o processo de expansão do capital busque afastar ou neutralizar a importância de tais práticas na economia local, elas continuam presentes. Os conflitos entre os esforços na definição de uma vocação econômica para a região das três fronteiras e a permanência/resistência do *circuito* são mantidos. Neste contexto, o processo de criminalização dos trabalhadores, aproximando-os mesmos de traficantes e terroristas, também se torna constante. A posição de Sandra aproxima-se das anteriores, mas traz um novo elemento para discussão, o preço das mercadorias vendidas no Paraguai. Segundo a interlocutora, “as *muambas* nunca vão acabar por causa da lucratividade, as lojas paraguaias e brasileiras que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

vendem as mercadorias ganham muito devido ao não de pagamento dos impostos”. Na mesma perspectiva, Fabiano é objetivo quando fala sobre o assunto.

O trabalho na fronteira existe por causa do preço. É tudo mais barato, um DVD no Brasil custa 30 reais no Paraguai se paga 2, sem falar dos eletrônicos, dos brinquedos, da informática, os impostos no Brasil são caros demais. Se fosse tudo a mesma coisa não haveria esse comércio.

A diferença de preços explicitada por Sandra é reafirmada por Fabiano, que complementa a afirmação ao alertar e vincular a situação narrada aos problemas tributários existentes no país, ou melhor, aos altos impostos cobrados no Brasil. Todavia, a identificação que o pilar de sustentação do *circuito* encontra-se na existência de políticas aduaneiras e de fronteiras distintas entre os países pertencentes ao MERCOSUL não garante que a intervenção governamental na fronteira seja direcionada a estas políticas. Embora as modificações na cobrança de impostos possam favorecer a produção e a circulação dos produtos nacionais, ela incidiria diretamente na arrecadação do governo e no controle que ele tem da economia. Desta forma, visando não interferir nos interesses do Estado e, muito menos, nos grupos econômicos brasileiros vinculados ao setor produtivo, a resolução do problema na concepção estatal encontra-se no ataque à atuação dos trabalhadores do *circuito sacoleiro*.

A ação do governo fica concentrada na tentativa de disciplinar e controlar a fronteira, com investimentos na estrutura de fiscalização e nas operações especiais de combate ao contrabando, ao descaminho e à pirataria. O resultado disso tem sido um aumento no valor das apreensões e um conjunto de rearticulações dos trabalhadores na tentativa de manter suas práticas. Indo além, também fomentou uma mudança na paisagem da fronteira. Embora isso seja de difícil mensuração é visível uma diminuição gradativa no número de pessoas e de veículos atravessando a fronteira durante as duas últimas décadas, porém tal colocação despreziosa não significa que o capital e a quantidade de mercadoria que circulam na região tenham diminuído. Cláudio também destaca os preços e a atuação dos agentes federais na fronteira, mas lembra da capacidade dos trabalhadores em criarem novas formas de transporte e entrega das mercadorias.

Conversando com os trabalhadores é possível observar a existência de posições bem definidas referentes à existência do *circuito sacoleiro* e do papel do Estado na região limítrofe do Brasil com o Paraguai. Na concepção dos *sacoleiros*, *laranjas* e demais trabalhadores ocupados nas atividades surgidas nas relações comerciais da fronteira, o desemprego, a falta de oportunidades no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mercado nacional e os atrativos de Ciudad Del Este justificam e explicam a origem de toda a movimentação que ocorre nas proximidades da Ponte da Amizade. Não suficiente, o reconhecimento dos motivos que levam os trabalhadores a desempenharem tais ocupações também permite um entendimento da presença e da atuação dos agentes aduaneiros. Segundo Sandra, “quando a polícia e a receita federal apreendem, fiscalizam, estão fazendo a parte deles. Eles estão certos, precisam defender os interesses deles. Mas nós estamos fazendo isso para sobreviver, falta emprego, não vou roubar, matar”.

A noção de ilegalidade do *circuito* vem acompanhada da necessidade de sobrevivência de milhares de pessoas, mas que ao reconhecerem o seu caráter jurídico iluminam a compreensão da intervenção do Estado e da função fiscalizadora e repressora de seus agentes. A existência do *sacoleiro* está condiciona à existência das leis que impedem sua atividade, da mesma forma, o policiamento na fronteira só ocorre devido à permanência das práticas de contrabando e descaminho. São duas situações opostas, mas interdependentes. Como sintetiza Fabiano em uma frase que explicita muito a leitura que os trabalhadores têm dos conflitos sociais na fronteira. “Eu não gosto de ficar falando mal da polícia e da receita. Eles fazem o trabalho deles e nós fazemos o nosso. Se eles não existissem, nós também não existiríamos. Se nós não existíssemos, eles também não existiriam, um depende do outro”.

A fala dos interlocutores revela a existência de interesses e de classes sociais diferentes, mas que não sustentam a adoção de uma postura mais crítica diante da realidade antes descrita. Saber que os agentes federais e os trabalhadores do *circuito* representam lados antagônicos não significa o entendimento do processo histórico ou dos fundamentos estruturais que os colocam em situações tão diferenciadas, isso interfere diretamente na organização e na concepção política dos trabalhadores referente à fronteira. Quanto provocada a falar a respeito dos conflitos que esporadicamente ocorrem nas proximidades da Ponte da Amizade e dos postos de fiscalização da Receita Federal, a interlocutora Sandra afirma nunca participar da movimentação, pois “quando a polícia fiscaliza, ela esta fazendo a parte dela, está trabalhando para o Estado, embora esteja atrapalhando nosso negócio. Nós não podemos reclamar”.

Os trabalhadores reconhecem o status da ocupação que desenvolvem e têm consciência da precariedade que circunda o *circuito* e da necessidade econômica que os obrigam ao desenvolvimento de tais práticas. No entanto, nada disso elimina a lei. A busca pela sobrevivência e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por conforto pessoal não elimina o fato de o *circuito* envolver atividades juridicamente ilegais, justificando a aceitação da fiscalização e da atuação da receita. Logo, as mobilizações ou qualquer expressão de resistência ao processo aduaneiro correspondem mais a uma reação de descontentamento, um desabafo, uma explosão de sentimento em relação a uma situação concreta que o trabalhador se reconhece incapaz de mudar. No meio de muitas risadas, David narra um acontecimento ilustrativo vivenciado na região da fronteira.

Uma vez agarrei uma sacola e saí correndo para fugir da fiscalização, parecia uma competição. Apareceu a receita e um guardinha atrás de mim, a galera gritava na aduana, vai, corre mais, eles estão longe! Até eu conseguir escapar. Foi uma cena bem legal aquele dia. Todo mundo parado, bastante gente na ponte gritando e eu e o guardinha correndo até na baixada... Quando eles viram que o guardinha não aguentava mais, todos gritaram vibrando! Parecia uma torcida de futebol!

Na concepção do interlocutor, o acontecimento narrado foi uma reação natural, uma tentativa desesperada de proteger um pouco da mercadoria e garantir o mínimo necessário para não sofrer com um prejuízo maior durante a apreensão da Receita Federal. Os aplausos e a torcida representam uma identificação dos trabalhadores com aqueles que estão em situação semelhante, lutando cotidianamente pela sobrevivência e pulando os obstáculos legalmente colocados nas suas trajetórias ocupacionais. A resistência dos trabalhadores corresponde a uma explosão ou a expressão de insatisfação e angústia em perder recursos em um mundo de possibilidades restritas. Conscientemente, na vida dos trabalhadores, ela é o resultado das relações entre as práticas precárias desenvolvidas na tentativa de garantir uma participação no mundo vivido e uma legislação que estabelece limites ou restringe as formas alternativas de sobrevivência.

3 – Conflito e resistência na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Durante as conversas estabelecidas, os interlocutores afirmam que as tentativas de organização ou de mobilização dos trabalhadores pertencentes ao *circuito sacoleiro* ocorrem de maneira espontânea, como resposta aos problemas pontuais que surgem ao longo de suas trajetórias. Não se observa uma tentativa mais articulada de reivindicação de melhores condições ou de problematização das razões estruturais que fomentam a realidade social da fronteira. Em outro momento (Cardin, 2006), demonstrou-se que as raras tentativas de organização dos trabalhadores e de elaboração de propostas ocorridas ao longo da década de 1990 continham contradições



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estruturais ao buscarem melhores condições de trabalho para os *sacoleiros* e *laranjas* sem aprofundarem ou considerarem a existência e a origem de tais ocupações e o funcionamento do sistema do capital no mundo contemporâneo.

As explosões de revolta ocorridas nos primeiros anos do Século XXI, a organização dos comboios de ônibus para furar a fiscalização da Receita Federal e a experiência histórica de organização dos trabalhadores através da Associação dos Vendedores Ambulantes Autônomos de Foz do Iguaçu (AVAAFI) não impedem que os interlocutores sejam céticos em relação à capacidade e às condições de articulação política dos trabalhadores. Em grande medida, as falas se encontram em alguns pontos comuns, como na insegurança das atividades desenvolvidas no interior do *circuito*, na desconfiança mútua dos trabalhadores e na concepção de união ou articulação unicamente nos momentos de interesse ou de necessidade emergencial. Segundo Cláudio,

não existe nem um tipo de organização dos *sacoleiros*. Antigamente tinha um comentário que os *sacoleiros* eram unidos quando descia os ônibus, eles eram unidos quando caíam na estrada e às vezes em conflito... A maioria dos ônibus tem Rádio Px e um avisa o outro de como está à estrada, por exemplo.

A colocação do interlocutor aproxima-se da ideia de que os trabalhadores se articulam conforme a necessidade imediata. Uma das práticas mais comuns da Receita e da Polícia Federal durante as políticas de *cota zero* estava direcionada ao rompimento de circulação das mercadorias. Neste sentido, tornaram-se comuns as fiscalizações nos locais de armazenamento dos volumes e em diferentes postos ao longo das rodovias brasileiras, parando e apreendendo os veículos utilizados no transporte do contrabando. São nestas situações que a organização e a resistência dos trabalhadores podem ser observadas, logo elas podem ser consideradas como resultado direto dos conflitos com o Estado. Entretanto, embora este processo possa permitir uma suspensão da cotidianidade, o desenvolvimento de uma consciência de classe ou de um processo emancipatório encontra limites (Heller, 1991).

Aproximando-se da posição de Cláudio, David também concorda que “a organização dos *sacoleiros* limita-se aos momentos de fuga, restringindo-se aos momentos em que o *sacoleiro* precisa passar a mercadoria, escapar da fiscalização”. Segundo ele, “não existe organização em busca de melhores condições de trabalho. É difícil criar uma associação ou uma organização de um grupo que não tem lei, que não tem regras. Não tem como”. A clandestinidade da ocupação é apresentada como um dos empecilhos fundamentais para uma organização mais sistemática dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

trabalhadores. Embora a realidade social conflituosa ofereça momentos extremos para os trabalhadores refletirem sobre suas condições materiais e políticas, a situação de ilegalidade e precariedade na qual estão inseridos dificulta a consolidação dos conhecimentos e o desenvolvimento de respostas mais incisivas e radicais aos problemas da vida cotidiana.

Excluindo as poucas experiências em organizações religiosas, os trabalhadores declaram que nunca foram filiados a partidos, sindicatos ou associações. Não suficiente, afirmam não terem o costume de debaterem ou discutirem assuntos políticos ideológicos durante a cotidianidade. Poucos deles conservam algum conhecimento das lutas fomentadas pela AVAAFI durante a última década do Século XX e mesmo assim a associação surge sempre como uma vaga lembrança. Na opinião dos trabalhadores tal experiência nunca poderia dar certo em razão da precariedade das ocupações existentes e também da individualidade e concorrência predominante na realidade social onde estão inseridos. O resultado disso pode ser observado no fato de a grande maioria dos interlocutores nunca ter participado das mobilizações ocorridas nas proximidades da Ponte da Amizade ou nos Postos de Fiscalização da Receita Federal, a única exceção corresponde ao Cláudio.

Após duas décadas de intensa e constante exploração e comercialização das mercadorias disponibilizadas no mercado paraguaio, os trabalhadores brasileiros responsáveis pela compra e distribuição destes produtos no território nacional começaram a ter dificuldades na manutenção de suas práticas devido às mudanças nas políticas de fiscalização da Receita Federal Brasileira. Interessada em acabar definitivamente com a fuga de divisas e com o ingresso de mercadorias pirateadas, o órgão governamental estabeleceu procedimentos de atuação mais rigorosos nos primeiros anos do Século XXI, onde o posto de controle na fronteira entre os dois países, com o objetivo de cadastrar e inspecionar as bagagens de todas as pessoas que entram no Brasil pela Ponte da Amizade, pode ser considerado um marco. Neste sentido, David faz questão de lembrar que “a receita nem sempre foi assim, ela foi se tornando cruel. Ela deixava correr frouxo e de uma hora para outra resolveu radicalizar”.

A consequência imediata das medidas adotadas pela Receita Federal foi o impedimento parcial das atividades desempenhadas pelos *laranjas*, pois a partir do funcionamento da nova estrutura de fiscalização estes passaram a ter o direito mensal de transportar apenas trezentos dólares em mercadorias, dificultando as antigas formas de atuação e acumulação. Antes das atuais políticas, um único trabalhador conseguia ir e voltar ao Paraguai incontáveis vezes em um mesmo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dia, armazenando as mercadorias adquiridas em uma casa ou em um hotel qualquer nas proximidades da fronteira até o momento em que todas as compras pudessem ser transportadas para seu destino final. Contudo, estas práticas foram coibidas no começo nos anos 2000 através de um maior controle no número de vezes que as pessoas passavam pela aduana, no impedimento da organização dos comboios de ônibus para o transporte de mercadorias por via terrestre e também através de uma fiscalização mais rigorosa nos antigos lugares usados para a estocagem dos produtos.

Em uma reação imediata a tal arrocho, começaram a explodir diversas manifestações dos trabalhadores nas rotas de entrada e saída da fronteira do Brasil com o Paraguai, independentemente da colaboração da Associação dos Vendedores Ambulantes Autônomos de Foz do Iguaçu. O periódico local “Gazeta do Iguaçu” fez a cobertura de várias destas mobilizações, como, por exemplo, as ocorridas em julho e agosto de 2004. Na primeira delas divulgou que um grupo de *sacoleiros* e *laranjas* que trabalhava na aquisição e transporte de mercadorias no comércio de Ciudad del Este, estava organizando para os próximos dias um grande protesto contra a Receita Federal para questionar a forma como a instituição referida vinha fazendo a fiscalização do comércio e da circulação dos produtos no Brasil, apreendendo ônibus inteiros e instituindo o regime de *cota zero* (Gazeta do Iguaçu, p. 03, 24 de julho de 2004).

Em agosto do mesmo ano, o mesmo periódico noticiou os esforços dos trabalhadores em derrubar a Medida Provisória 135, que determinava a apreensão dos ônibus que transportavam mercadorias contrabandeadas do Paraguai, através da elaboração de um abaixo-assinado com mais de cem mil assinaturas. O principal objetivo era fazer do documento uma ferramenta para legalizar as compras realizadas e permitir que os ônibus circulassem pelas rodovias com mercadorias sem identificação do proprietário (Gazeta do Iguaçu, p. 07, 26 de agosto de 2004). Contudo, as medidas tomadas pelos trabalhadores não ficaram restritas a estas iniciativas, grandes protestos foram organizados pelos *sacoleiros* e *laranjas*, impondo dificuldades reais no acesso aos pontos de entrada e saída da cidade. Sobre esta situação, o jornal local apresentou os diferentes focos de conflito e algumas consequências para o setor turístico e empresarial da região.

Com a manutenção das políticas de fiscalização da Receita Federal, os trabalhadores radicalizaram o movimento e agravaram os embates travados, fato que foi registrado pelo periódico local, Gazeta do Iguaçu.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Vários focos de protestos tumultuaram ontem a fronteira. *Laranjas* e mototaxistas fecharam a BR-277 em dois pontos. Na aduana paraguaia o movimento está avançando em direção a Foz do Iguaçu. Para impedir a entrada ou saída do Paraguai, um cordão de isolamento foi fixado na entrada do vizinho país. A estratégia é para impedir que pessoas ou veículos entrem ou saiam de Ciudad del Este. Após 40 horas de tumulto, o protesto ganhou duas frentes. Enquanto um grupo mantinha o fechamento da ponte, outro bloqueava a BR-277. O alvo eram os prefeitos e o governador que participavam de um encontro na cidade (Gazeta do Iguaçu, p. 05, 18 de novembro de 2004).

Antes de qualquer coisa, as mobilizações apresentadas e brevemente comentadas representam de forma significativa as transformações das práticas sociais dos *laranjas* e *sacoleiros*, a decadência da AVAAFI e as possíveis consequências nas relações sociais na região. Firme na manutenção das políticas de fiscalização que estavam sendo executadas, a Receita Federal manteve uma postura rigorosa e ativa mesmo diante das constantes reclamações e manifestações dos trabalhadores. Estes, tendo espaços de manobra cada vez mais restritos, foram obrigados a desenvolver outras formas de atuação para a manutenção de suas antigas ocupações. Dentro desta perspectiva, observam-se: 1) as mudanças na forma do transporte de mercadorias, que passou a ser pulverizada nos diferentes meios possíveis; 2) o nascimento e o fortalecimento de outras ocupações, como os *barqueiros*, os *freteros* e os *laranjas da cidade*, e; 3) uma maior hierarquização da organização dos trabalhadores.

No entanto, isso não quer dizer que durante a década de 1990 ocorria uma completa identificação entre os trabalhadores, com uma concepção de classe mais nítida. Como foi apresentado, Cláudio destacou que os *sacoleiros* e os *laranjas* eram unidos apenas quando “caiam na estrada” ou quando “começavam a subir a BR-277”, pois era neste momento que corriam os maiores riscos de serem pegos pela fiscalização. Segundo ele, os comboios organizados nos hotéis e que frequentemente ultrapassavam a quantia de 100 ônibus, representavam apenas uma “união” momentânea dos trabalhadores. Esta “união” também estava presente na constante utilização do radioamador para o estabelecimento de comunicação entre os veículos envolvidos. De forma geral, o objetivo era alertar o restante dos *sacoleiros* “do mau tempo” que poderiam enfrentar na continuação da viagem, ou, em outros termos, avisar os outros ônibus que já se encontravam na estrada de como estava à fiscalização nos Postos da Receita Federal.

Os esforços governamentais em romper com a logística adotada no *circuito sacoleiro* e o combate à utilização de veículos rodoviários para o transporte de mercadorias, visando “furar” as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

barreiras de fiscalização impostas pelos órgãos de fiscalização brasileiros, alimentaram o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de outros meios de transporte, como o aéreo, o fluvial e até mesmo o terrestre, através da utilização dos carros de passeio ou dos caminhões de transportadoras. O surgimento de outros caminhos para a circulação das mercadorias adquiridas no centro comercial de Ciudad Del Este fomentou o aparecimento de outras ocupações relacionadas com as novas logísticas empregadas. Com isso, todo o processo de fragmentação das práticas de atuação dos trabalhadores dificultou ainda mais qualquer tentativa de construção de um coletivo, fazendo com que a AVAAFI, detentora de limites estruturais por representar categorias sociais que, devido aos seus aspectos legais, não poderiam ser oficialmente representadas, fosse completamente minada.

A nova conjuntura que começou a ser configurada com modificações nas formas de atuação dos agentes responsáveis pela fiscalização na fronteira fortaleceu a concorrência entre os trabalhadores e a flexibilização das suas práticas de atuação. Assim, dentro de uma situação marcada por incertezas derivadas da atuação da Receita Federal, qualquer relação social cristalizada era considerada de risco e exigia a ampliação das redes de contatos existentes sem necessariamente aprofundá-las, enquanto as formas de transporte eram constantemente alternadas e modificadas. Logo, a flexibilidade exigida nas relações entre os *comerciantes, laranjas, sacoleiros, patrões, clientes, policiais federais e técnicos da receita* ao mesmo tempo em que garantia a manutenção da busca constante pela maior lucratividade dificultava o estabelecimento de relações contratuais mais engessadas, pois a garantia do bom negócio encontrava-se localizada exatamente nas práticas individuais de cada trabalhador.

As relações dos trabalhadores com a fiscalização e com eles próprios são marcadas pela naturalização do *status* degradado das atividades. A tranquilidade da ocupação, a facilidade de articulação e organização são mais acentuadas quando as ocupações existentes na fronteira são mais aceitas socialmente. Conforme vai ocorrendo o fortalecimento da fiscalização e da criminalização das práticas sociais dos trabalhadores, as suas relações pessoais são atingidas e a capacidade de mobilização no intuito de cobrar direitos e melhorias nas condições de vida de trabalho vão se ausentando. Em contrapartida, plasmam relações desconfiadas, angustiadas, que não permitem o nascimento de posturas sistematizadas de resistência e combate. Logo, visualiza-se uma assimilação pelos próprios trabalhadores do discurso moral/jurídico em relação ao *circuito sacoleiro*, que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reconhecem a necessidade de subsistência que os coloca em uma situação degradada, mas que também justifica a repressão estabelecida pelo Estado.

4 – Referências.

CARDIN, Eric Gustavo. **Sacoleiros e Laranjas na Tríplice Fronteira: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

Araraquara: UNESP, 2006.

HELLER, Ágnes. **Sociología de la Vida Cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1991.